

Pentecostalismos: Uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero?

Gedeon Freire de Alencar*
Maxwell Pinheiro Fajardo**

Resumo

As diferenças raciais, as distinções de classe e as interdições de gênero, segundo o relato bíblico de Atos dos Apóstolos, no Pentecoste, não foram impedimentos, “pois todos foram cheios do Espírito”. No pentecostalismo moderno no início do século XX, na Azusa Street, o fenômeno se repete não obedecendo às insanas regras segregacionistas vigentes nos EUA da ocasião, o imenso abismo econômico e a distinção entre mulheres e homens, pois, tinham o mesmo status no exercício ministerial. Seria, então, a superação do racismo, das classes e das distinções de gênero o ideal pentecostal? Sim, mas talvez não. Na Igreja Primitiva, e também no movimento pentecostal, nem sempre essa superação se concretizou. Esses dois eventos também podem ser relacionados com a Reforma Radical, quando também existia a proposta de uma sociedade igualitária. Quais são as razões internas e externas da supressão das discriminações raciais, de classes e de gênero? E quais os mecanismos que os mantiveram em funcionamento?

Palavras-chaves: *pentecostalismo, racismo e distinção de classes e gêneros.*

“O milagre do Pentecoste supera as diferenças entre as línguas”

Paul Tillich (2009:77)

* Doutor em ciência da religião – PUC-SP, membro da *Rede Latinoamericana de Estudos do Pentecostalismo* – RELEP, do CEHILA e do *Grupo de Estudos do Protestantismo e do Pentecostalismo* – GEPP-PUC-SP, e autor dos livros *Protestantismo Tupiniquim. Hipóteses sobre a contribuição evangélica à cultura brasileira*, Arte Editorial; e *Matrizes Pentecostais Brasileiras. Assembleias de Deus – 1911-2011*, Novos Diálogos.

** Doutor em História (UNESP), Membro da *Rede Latinoamericana de Estudos Pentecostais* - RELEP, do *Grupo de Estudos do Protestantismo e Pentecostalismo* - GEPP – PUC/SP e do *Grupo de Pesquisas Religiosas e Periferia Urbana na América Latina* -REPAL – UMESP.

Introdução

Mulheres e homens, pobres e ricos, negros e brancos em igualdade. Isso, em tese, é o ideal do pentecostalismo. Mas isso foi, de fato, concretizado?

Discriminações raciais, de classe e de gênero fazem parte da história da humanidade, pois são parte do *ethos* do grupo e da cosmovisão hegemônica de tempo e lugar. Um mundo onde isso não existiu, ou seja, um espaço igualitário de um tempo de justiça, no entanto parece ter sido uma excepcionalidade. Uma utopia. Nos dois mitos fundantes mais conhecidos da história do pentecostalismo, um antigo e um moderno, existe uma marca: a *indistinção* de raça, classe e gênero. Segundo o relato bíblico em Atos dos Apóstolos, o fenômeno da manifestação do Espírito se dá em todos indistintamente, das inúmeras raças e classes sociais presentes, e também em mulheres e homens sem nenhuma discriminação. Na histórica Azusa Street, em Los Angeles, no início do século XX, o fenômeno se repetiu com migrantes de todas raças e posições econômicas; as lideranças eram formadas tanto por mulheres como por homens. Por sinal uma das causas da perseguição e ridicularização da imprensa na época era exatamente a mistura de negros e brancos e a liderança de mulheres. Seriam essas, então, as marcas do movimento pentecostal? Esses dois momentos históricos representam uma verdadeira superação do racismo e da indistinção de classe e gênero? Sim. Senão plenamente, era esse o objetivo. Como isso aconteceu? Ou, ao contrário, por que isso não se concretizou, tornando-se assim uma marca natural dos movimentos pentecostais?

Para não ficar apenas nos dois exemplos, podemos nos reportar ainda à chamada reforma radical, promovida por grupos religiosos que, embora imbuídos dos ideais da Reforma Protestante do século XVI, se opuseram aos seus desdobramentos, em especial no que diz respeito aos laços criados entre o protestantismo nascente e os Estados Nacionais europeus. Embora ali não estivesse em foco a questão da *glossolalia* (ao menos como apontam os registros historiográficos), é possível estabelecer semelhanças e contrapontos entre os movimentos da reforma radical no século XVI e os dois mitos fundantes do pentecostalismo (o antigo e o moderno), relacionados a uma organização interna que questionava os padrões sociais então vigentes. Desta forma, teremos a possibilidade de pensar na problemática da superação das discriminações sob a plataforma da religião a partir de três contextos históricos distintos.

Esse texto pretende analisar a problemática das discriminações como marca dos pentecostalismos¹, mas também como a questão foi, e ainda é,

1 Não existe um evento ou um movimento único com esse nome, o fenômeno pentecostal, enquanto evento histórico, aconteceu simultaneamente em diferentes lugares com distintas características.

escamoteada tanto na leitura bíblica como na configuração histórica dos movimentos pentecostais posteriores e atuais.

I - A paridade desigual na Igreja Primitiva.

“A promessa é para todos [...] Vossos filhos e vossas filhas”,
Atos

O texto bíblico de Atos dos Apóstolos é um livro escrito por um homem para outro homem², em um mundo onde as mulheres não tinham nenhum protagonismo, por isso mesmo é muito importante deitarmos um olhar atento sobre os escassos registros de inclusão dessas mulheres. O primeiro registro surge no versículo 14, do capítulo 1, no contexto da descrição da ascensão de Jesus, do comissionamento dos discípulos e da escolha do novo membro do grupo: “todos eles se reuniram sempre em oração, com as mulheres, inclusive Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele”. Registrar a presença das mulheres, dando proeminência a Maria, é indiscutivelmente algo significativo; basta lembrar que até mesmo nas genealogias bíblicas do Antigo Testamento as mulheres não aparecem. “Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó”. É macho dando cria a macho! Aqui eles se reúnem com as mulheres e uma delas tem nome. Pouco e óbvio para nosso tempo, muito para o tempo deles.

“Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar [...] todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas [...] Pardos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, do Ponto e da província da Adia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia, próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo, cretenses e árabes” Atos 2.2 a 11.

Sim, o texto, fala apenas de homens, mas o “todos” incluía as mulheres – até hoje, em pleno século XXI, o “todos”, mesmo masculinizado, inclui as mulheres³. Considerando que até então as mulheres estavam representadas apenas nessas menções coletivas, na original interpretação do apóstolo

2 O apóstolo e médico Lucas escreveu o texto para seu amigo Teófilo (Atos 1;1). Não estamos levando em conta a discussão da crítica textual do livro quanto a autoria do livro de Atos. Nossa leitura do texto é estritamente sociológica.

3 Por isso, se tornou comum em alguns ambientes ao fazer a saudação inicial dizer: “Cumprimento a todos e a todas”. Algo que alguns acham desnecessário.

Pedro, indicando o cumprimento da profecia de Joel, ele inclui abertamente as mulheres:

“Nos últimos dias, diz Deus: derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito” Atos 2.17-18.

O final do capítulo dois, quando já existe um grupo estabelecido, fala-se de um comunitarismo e igualitarismo ímpar: *todos tinham tudo em comum*. O ponto em comum aqui não era apenas a manifestação fenomenológica da glossolalia, mas também uma prática eclesial. Dentro dos limites de mundo misógino e discriminador da época, esse espaço comunitário era algo inusitado. Singular.

Era uma “paridade desigual”, sim. Há de se considerar que o mesmo apóstolo que diz que em “Cristo não há grego, nem judeu, servo ou livre, homem ou mulher” (Gal. 3.28), em outro momento legitima as disparidades entre os gêneros. Que Paulo e Lucas fossem homens de seu tempo, com condicionamentos culturais óbvios de sua época, portanto repetindo os mesmos estereótipos machistas e raciais, isso não nos surpreende. Afinal são homens do século I. Triste é constatar que hoje, no século XXI, existem homens atualizadíssimos com o primeiro século da era cristã.

Obscurantismos passados ou modernismos presentes, o grave mesmo é que, nos parece, o Espírito não respeita esses limites. Mulheres e homens, negros e brancos, pobres e ricos em igualdade? “Filhos e filhas, servos e servas” não são citados no mesmo contexto, em paridade? Outra excepcionalidade dessa profecia repetida por Pedro é juntar “jovens e velhos” em uma sociedade absolutamente celebradora de uma velhice portadora da sabedoria e proeminência do poder. Em Atos há, sim, uma superação dos racismos, classes e gêneros. Todas as raças, classes e todos os gêneros são indistintamente alcançados. No episódio fundante foi assim, mas na prática posterior não se manteve o modelo.

Há ainda mais dois registros em Atos que sinalizam essa questão: o de Pedro na casa de Cornélio e a liderança na igreja de Antioquia.

A experiência libertadora sendo tolhida pela doutrina castradora.

O episódio de Pedro na casa de Cornélio é um primor de racismo explícito de um judeu empedernido diante de um Deus transcendentalmente amoroso. Segundo o registro, Pedro está em oração (Atos 10.9) e recebe uma visão. “Viu o céu aberto e algo semelhante a um grande lençol que descia a terra [...] contendo toda espécie de quadrúpedes, bem como répteis da terra

e aves do céu”. A voz lhe diz para comer, ao que Pedro, na sua convicção religiosa, responde: “De modo nenhum, Senhor! Jamais comi algo impuro ou imundo!”. A resposta é clara, objetiva e acontece três vezes: “Não chame impuro ao que Deus purificou”.

Fica claro que aqui impera um preconceito fruto da herança religiosa de Pedro, que se mostra mais forte que a experiência mística e a revelação divina. A tradição religiosa, ainda hoje, é muito mais forte que uma experiência, ou pelo menos tem essa pretensão. Ainda hoje não podemos esperar alguma coerência do religioso-preconceituoso, pois Pedro obedece ao chamado de Cornélio, admite que a revelação que teve foi fundamental para sua decisão, mas suas primeiras palavras na recepção são um modelo de infame indelicadeza para com um convidado:

“Vocês sabem muito bem que é contra a nossa lei um judeu associar-se a um gentio ou mesmo visitá-lo. Mas Deus me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou inundo homem nenhum” Atos 10.27.

Mesmo com toda a convicção da experiência que ele e seus companheiros tiveram na casa de Cornélio, ao voltar ele omite da igreja essa incursão suspeita, e por isso mesmo é denunciado de forma flagrante por Paulo na sua carta aos Gálatas⁴. Se Pedro, o grande líder da Igreja, mesmo depois de experiências transcendentais da revelação de Deus, que determina que raça não é elemento decisório, ainda comete esse tipo de erro, o que poderíamos esperar dos demais? Ele viu isso no dia de Pentecoste e na casa de Cornélio, o Espírito superando a ideia de raça, e teve uma experiência clara sobre o fato, mas sua doutrina dogmática e sua tradição religiosa o impediram de ver o outro como igual. Estamos assistindo esse filme todos os dias em nossa contemporaneidade. No caso das mulheres, alguns espaços religiosos contemporâneos estão “atualizadíssimos” séculos de atraso, como bem analisou Laura Sá Aragão (2004) na sua dissertação de mestrado. O título de sua tese já diz tudo: “*Chamadas por Deus, ignoradas pelos homens*”.

A liderança multiétnica da igreja em Antioquia.

Por causa da perseguição a Igreja se expande e chega a Antioquia da Síria, e lá tem uma liderança multicultural.

4 Gl. 2:11-14 “Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face por sua atitude condenável. Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão. Os demais judeus também se uniram a ele nesse hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar. Quando vi que não estavam andando de acordo com a verdade, declarei a Pedro, diante de todos: “Você é judeu, mas vive como gentio e não como judeu. Portanto, como pode obrigar gentios a viverem como judeus?”

“Na Igreja de Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lucio de Cirene, Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo” Atos 13.1.

A liderança dessa igreja incluía um judeu (Barnabé), um migrante negro (Níger)⁵, um romano (Lucio), um nobre rico (Manaem) e um judeu filho de romano (Paulo). Todos *igualmente* na condição de mestres; aqui classes e raças, algo extremamente fundamental na época, não foram consideradas. A segregação de gênero ainda persiste, por razões óbvias para a época.

A condição do gênero feminino, como no mundo antigo em geral – e isso não é característica exclusiva da Igreja Primitiva ou do cristianismo –, era de absolutamente inferioridade, portanto qualquer registro contrário a isso é digno de nota. Nesse contexto, Paulo na Macedônia, segundo o relato lucano, diz que ele encontra um grupo de mulheres e inicia uma conversa. No grupo estava Lídia, uma mulher “vendedora de púrpura e temente a Deus” (Atos 16.14 e 15). Há aqui algo inusitado para época: uma mulher comerciante, e isso não era incompatível com sua fé. Ademais, Paulo gasta do seu tempo ensinando-lhe o Evangelho. Por quê? Porque o Evangelho era apresentado para todos. E *todas* – não custa lembrar.

Em um mundo em que debates, parlamentos⁶, comércio, ciências e todas as demais atividades eram espaço exclusivo para homens, o fato de mulheres terem acesso à mensagem do Evangelho, aos líderes, e terem voz é algo revolucionário. Minimamente inusitado.

Por fim, os nomes de Áquila e Priscila são registrados juntos (Atos 18.19), como um casal líder da comunidade nascente. Algo que vai aparecer também na carta paulina a “Filemom, nosso amado cooperador, e a irmã Afia, a Arquipo” (Fl.1.2). Talvez Afia seja a esposa de Filemom ou apenas uma irmã da igreja. Independentemente de quem ela seja, é seu nome sendo citado, como igual, no meio dos dois homens líderes da Igreja de Colossos.

Enfim, nessa igreja nascente, ainda longe dos institucionalismos típicos da burocracia eclesial que estavam por vir, ainda vivenciando uma dominação carismática antes da rotinização desse carisma se tradicionalizar (Weber, 1998), as hierarquias eram sim marcadamente masculinas, mas não absolutamente

5 São indicados também como negros, Simeão de Cirene – Mc. 15.21, e o gerente dos tesouros de Candace, Rainhas dos Etíopes At 8.26-40.

6 A legislação exige desde 1997 que 30% dos candidatos sejam mulheres, mas os partidos nunca conseguem alcançar esse percentual. E as eleitas? Em 2016, na Câmara dos Vereadores em SP, no total 55 vereadores apenas 5 são mulheres (9%); na ALSP são 94 deputados e apenas 11 mulheres (11%); na Câmara Federal 513 deputados e apenas 45 deputadas (8%), e no Senado são 81 senadores e apenas 11 senadoras (13%). No ranking mundial da igualdade de gênero, são registrados 188 países; estamos na posição 156°. Há 155 países na nossa frente.

excludentes. Afinal o movimento carismático dessa igreja (tanto na conceituação pentecostal como na weberiana) não tinha o engessamento que virá a ter posteriormente. Algo, aliás, que vai ocorrer similarmente ao movimento pentecostal moderno, que no início foi efervescente, iconoclasta e vanguardista, e depois da burocratização, machista e conservador.

Fácil indicar – e condenar – o machismo e a discriminação dos tempos bíblicos, dois milênios atrás, ou apontar os mesmos problemas nos movimentos pentecostais do início do século XX. Muito fácil fazer isso em 2016, quando temos uma mulher como diretora geral do FMI, muitas como presidentes ou primeiras ministras, e no momento uma como forte candidata à Casa Branca – todas essas mulheres são *as primeiras* a ocupar os respectivos cargos. Na França, moderníssima e laica, nenhum negro ou mulher chegou a tanto, e lá (e também em outros países e corporações) não foi o machismo bíblico ou o conservadorismo pentecostal o impedimento.

Apesar das muitas lutas e movimentos de resistência de pobres, mulheres e negros ao longo da história, eles somente alcançaram algum protagonismo nos últimos anos e em alguns lugares, pois na maioria a situação continua igual ou pior que nos tempos bíblicos. Em entrevista, Zanny M. Beddoes, editora chefe da Revista *The Economist*, ao responder a pergunta sobre ser a primeira mulher a exercer o cargo, diz: “Estranha-me quantas pessoas me perguntam isso. Isso me faz perceber o quanto ainda temos que avançar. Ficarei satisfeita quando chegarmos a um nível em que ninguém vai fazer essa pergunta as minhas sucessoras [...] espero pelo dia em que, quando uma mulher ganhar um cargo de destaque, isso não seja notícia”⁷.

Se na atualidade e em países desenvolvidos a situação é ainda de grave violação dos direitos humanos essenciais, e ainda hoje as mulheres, os pobres e os negros são as principais vítimas dessa injustiça, como exigir que fosse diferente nos tempos bíblicos, quando isso era parte inerente da cosmovisão e do senso-comum vigentes?

II - A vanguarda do pentecostalismo no início do século.

“A linba do sangue superou a linba da cor”

lema da Azusa

Qual a legitimidade de um movimento no início do século XX, nos EUA, liderado por mulheres e um negro cego de um olho? – e nem precisa acrescentar que esse negro e essas mulheres eram pobres, pois é uma obviedade.

7 *Folha de S. Paulo*, 24/04/2016, A21 – Caderno Mercado.

O movimento da Azusa Street foi descrito pelos jornais da época como “orgia”⁸. Mesmo sem nenhuma conotação sexual, o movimento teve esse estigma porque reunia negros e brancos. Para a infame sociedade segregacionista norte-americana da época, uma reunião como essa somente podia ser chamada assim.

Internamente, o movimento se via como ação do Espírito em que *todas* e *todos* podiam ter acesso. Absolutamente qualquer pessoa independentemente de gênero, classe ou raça. Na época, nos EUA, negros e mulheres⁹ não votavam, não tinham acesso à educação, não podiam andar nas mesmas calçadas, compartilhar os mesmos recintos públicos ou usar os mesmos bebedouros dos brancos, além do que lhes eram negados os mais elementares direitos civis – porém agora podiam, ombro a ombro com os brancos, receber o Espírito, cantar, orar e pregar juntos.

Aqui também a “promessa era para todos: filhas e filhos”, igualitariamente. Muito natural para nós hoje, mas escândalo e absurdo inaceitável para os contemporâneos da Azusa, em 1906, e para os brasileiros da época.

Obviamente há anacronismos nessa questão. As questões raciais, de gênero e classe não são as mesmas em épocas tão distantes. Em Atos a questão de gênero e classe quase não aparece por razões óbvias para época. Primeiro não existe a questão da mulher, já que a mulher não existe enquanto um ser de direito (civil), e também não havia classes sociais como na atual concepção do termo. A questão racial em Atos era étnica¹⁰, na Azusa a questão envolvia a cor da pele. O problema não é melhor nem pior, apenas diferente.

No século XX, conquanto a questão das etnias e das migrações nos EUA e no Brasil fossem um tema nevrálgico, agora o racismo se reduz à negação dos direitos dos negros. E tanto nos EUA como no Brasil o movimento pentecostal, no início, tem uma membresia acentuadamente negra (Roberck, 2005).

A foto oficial dos participantes da primeira Convenção de 1930 das ADs, em Natal, mostra os missionários suecos brancos e alguns obreiros negros. Nessa data alguns desses homens eram filhos ou foram escravos, pois a assinatura da *Lei Áurea* se dera em 1888, apenas 43 anos antes da Convenção. Na foto, portanto, aparecem homens brancos europeus e brasileiros, e homens negros todos *igualmente* obreiros.

8 Leonildo Campos (2005) faz uma excelente análise desse contexto, citando diversos artigos da época, de um autor alemão luterano - textos em inglês.

9 As mulheres somente entram no processo eleitoral, nos EUA, em 1920; e no Brasil, em 1934.

10 Atos 2:9-11. “Pardos, medos, elamitas; habitantes da Mesopotania, Judeia e Capadocia, do Ponto e da Província da Ásia, Frigia, Panfilia, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene. Visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes”

Foto, aliás, na qual aparecem duas mulheres: Beta Palma e Frida Vingren.



Fonte: publicada no *Mensageiro da Paz*, no 01, ano 01, dezembro de 1930, pg. 4.

Frida Vingren e Aimée McPerson: a vanguarda pentecostal feminina morreu?

O que dizer de uma jovem de 27 anos que pega um navio na Suécia para NY e de lá para Belém, em 1917, sozinha? Nos anos 1919 a 1929 ela dirige o jornal *Boa Semente*, nas ADs? E nos anos 30 e 31, edita e dirige o *Mensageiro da Paz*, jornal oficial da igreja, mesmo depois da Convenção das ADs, em Natal, em 1930, proibir o exercício ministerial das mulheres, ela continua escrevendo textos sobre atuação das mulheres e dizendo que elas não poderiam ficar restritas às questões domésticas? Por esse motivo ela e o marido foram defenestrados por seus contemporâneos suecos e alguns líderes brasileiros, e mandados de volta para a Suécia. Ele morreu no ano seguinte de sua volta, em 1933. Ela, depois de duas tentativas de retorno e de receber negativas de sua igreja na Suécia, resolve voltar por conta própria. Um grupo a impede, toma seus filhos e a interna compulsoriamente em um hospital psiquiátrico, e lá ela morre com 40 anos, em 1940 (Alencar, 2013; Norel, 2011). Frida foi morta duplamente: quando vive a trama machista (tanto a realizada por brasileiros no Brasil, com a dos suecos na Suécia), e depois de morta, pois mataram a sua memória.

Até hoje as ADs não tiveram nenhuma outra mulher fazendo algo parecido, mesmo porque a estrutura eclesiástica (a dominação tradicional – Weber, 1989) boicota a atuação delas.

O que dizer de uma jovem carismática, bonita, viúva, no seu primeiro ano de casamento, pregando para multidões e que com sua mensagem *quadrangular* lotava estádios nos EUA e na Europa, isso nas primeiras décadas do século XX? No ano 1922, com uma rádio inicia seu projeto de mídia, com mensagens dramatizadas, com musicais e operetas, tendo como cenógrafo Charles Chaplin. No mesmo ano inaugura um mega templo em Los Angeles, e em 1927 sobe no púlpito de sua igreja com uma moto. O que dizer disso? Para escândalo de todos ela se divorcia em 19XX, e se casa novamente. McPherson foi e fez o que até o momento nenhuma mulher no pentecostalismo mundial foi ou fez parecido. Única.

McPherson e Frida, uma no Brasil e outra nos EUA, são exemplos de figuras carismáticas dos primórdios do movimento que conseguem se manifestar, visto que a tradição ainda não estava consolidada; porém, na medida em a institucionalização se fortalece, aprisiona o modelo.¹¹

McPerson foi fundadora e presidente da igreja, depois de sua morte nenhuma outra mulher alcançou esse cargo na *Igreja do Evangelho Quadrangular* – uma igreja fundada pela mulher mais importante do pentecostalismo no século XX, denominação que posteriormente passaria a ser dirigida exclusivamente por homens. A Convenção de 1930, a primeira das ADs, proibiu o ministério feminino. O tema retornou algumas vezes, mas como diz o historiador assembleiano Silas Daniel, se referindo a Convenção de 2001, foi “rejeitado de forma esmagadora”. A adjetivação “esmagadora” é bem sintomática da condição das mulheres no meio.

Irônico é observarmos que, se em Atos a questão étnica foi superada, e na Azusa, nas ADs e na IEQ a condição das mulheres foi minimamente enfrentada, no início do século XXI, nas ADs, IEQ e demais grupos pentecostais, esses questões não existem. A questão racial e a condição da mulher, não existem como problema. Simplesmente tal problemática não é tratada tampouco falada e as mulheres foram relegadas ao esquecimento.

Um contraponto: a Reforma e os Radicais

As duas experiências religiosas analisadas até agora, apesar dos dezenove séculos que as separa, apresentam similaridades: ambas tinham um conteúdo

11 Libanio (1983) em uma original interpretação teológica analisa o embate da ação iconoclasta do Espírito e a tradição católica. Boff (2004) no clássico texto *Igreja, Carisma e Poder*, alias, foi acusado de ter uma interpretação “protestante” porque criticava a tradicionalização da estrutura da Igreja.

prático que subvertia uma tradição religiosa já consolidada. No caso bíblico, o evento do pentecostes preconizava o rompimento com o posicionamento fechado da religião judaica em relação aos estrangeiros, trazendo em seu bojo uma experiência religiosa que incluía tanto homens quanto mulheres de diferentes nacionalidades e classes sociais. No caso do pentecostalismo moderno, a oposição se dava frente a um protestantismo que, à época, catalisava em vários de seus setores a postura racista da sociedade estadunidense. No entanto, uma observação mais apurada dos dois movimentos aponta para o limite da superação dos preconceitos à medida que a institucionalização avança.

Excetuando-se o rompimento da Igreja Católica com a Igreja Ortodoxa Grega no século XI, a Reforma Protestante foi a primeira grande cisão do Cristianismo. A especificidade desse rompimento em relação àquele reside no fato de que as implicações da Reforma traziam mudanças significativas não apenas no âmbito doutrinário-religioso, mas se tornariam decisivas para o desenho de um novo espectro político da Europa, em que o catolicismo perderia sua força.

As teses e livros de Lutero, cuja circulação foi beneficiada pelo incremento da imprensa, circulariam entre a população letrada da Europa e contribuiriam para a criação de uma nova opção religiosa para os Estados Nacionais em processo de fortalecimento contra o poderio papal. Por conta disso, o movimento protestante passou por um rápido processo de institucionalização. Como aponta Febvre, Lutero e luteranismo rapidamente se distanciaram (FEBVRE, 2012). Sobre isso, Hill comenta:

O protestantismo começou sob as feições de uma grande empresa de libertação do espírito humano. Contudo, menos de uma década depois de Lutero formular o seu protesto, deparou-se ele com uma revolta camponesa que contestava a propriedade e a submissão social, tais como Lutero as prezava, em seus próprios fundamentos; e na década seguinte os anabatistas de Münster se rebelaram contra toda a ordem social existente. (HILL, 1987: 167)

No período posterior à Reforma, o termo *anabatista* (literalmente rebatizadores), passou a identificar uma série de grupos que entendiam que as fronteiras abertas pela Reforma deveriam se alargar, provocando maiores rupturas sociais. De modo geral, no entendimento de tais grupos, as bases da Reforma, tal qual proposta por Lutero, embora necessárias, não eram suficientes para dar conta de uma transformação radical da sociedade. Eram chamados de rebatizadores, pois apenas consideravam válido o batismo como ato voluntário de um adulto, o que “claramente subvertia o conceito de uma Igreja nacional” (Hill, 1987:43). Segundo a proposta, o batismo deixa de ser um

rito de entrada na sociedade para se transformar num rito de entrada em uma religião voluntariamente escolhida.

Diferentes grupos religiosos surgidos na Europa a partir de então foram denominados anabatistas. Thomaz Müntser tomou contato com as ideias dos anabatistas antes de promover a revolta camponesa de 1525, em Frankenhausen. Em texto de 1850, Friedrich Engels (1973) identifica em sua liderança uma série de pressupostos verificados também na Revolução de 1848, o que contribuiu para que Müntser aparecesse na literatura marxista como um personagem identificado com os ideais comunistas.

Pensando a partir da teoria weberiana, poderíamos dizer que o luteranismo criou um corpo sacerdotal definido a que rapidamente se opuseram os primeiros profetas, que foram logo reprimidos. No caso, com a execução sumária em 1525.

No entanto, apesar de seu caráter profético, os próprios anabatistas logo se distanciariam de seu ideal de igualdade original. No caso da Inglaterra, por exemplo, em que os grupos anabatistas conseguiram inicialmente aglutinar uma série de trabalhadores não incorporados ao sistema de classes vigentes (chamados por Hill de “homens sem senhor”), posteriormente se distanciaram desses mesmos grupos:

Em 1750, as mesmas seitas que haviam aspirado ser as mais leais “aos pobres de Cristo” eram as mais inóspitas para os novos conversos e as de t \hat{e} mpera menos evangélica. A dissid \hat{e} ncia se tornou presa da tens \hat{a} o entre tend \hat{e} ncias opostas, ambas desprovidas de qualquer for \hat{c} a de atra \hat{c} o popular: de um lado, a tend \hat{e} ncia para o humanitarismo racional e a prega \hat{c} o refinada – por demais intelectual e culta para os pobres – ; de outro, o r \hat{i} gido Eleito, que n \hat{a} o podia se casar fora de sua Igreja, que expulsava todos os ap \hat{o} statas e her \hat{e} ticos e que se mantinha \hat{a} parte de toda a “massa Corrupta” predestinada \hat{a} “dana \hat{c} o eterna” (THOMPSON, 1987: 56)

Novamente, um movimento que nasce entre pobres e que questiona as estruturas sociais vigentes se distancia de seus princ \hat{i} pios fundadores ao se burocratizar. De fato, essa n \hat{a} o \hat{e} uma exclusividade dos movimentos pentecostais.

Esta \hat{e} a quest \hat{a} o: a religi \hat{a} o, ou mais especificamente o pentecostalismo, \hat{e} um elemento transformador ou preservador do status? Enfim, \hat{e} um avan \hat{c} o ou um retrocesso?

III – A “religião como solvente”: avanço ou retrocesso?

“O protestantismo envelheceu prematuramente.
Ainda menino ficou senil”. Rubem Alves (2004:136):

Religião agrega ou dispersa? Organiza o mundo social ou é um elemento de alteração da realidade? “Cimento social” ou, ao contrário, um “solvente social”? Uma defesa do status ou uma subversão?

Em qual espaço litúrgico da tradição cristã (seja católico ou protestante), uma mulher, negra, pobre e semiletrada poderia subir no púlpito em uma celebração e falar, dar um testemunho ou mesmo pregar? Na atualidade, em um culto pentecostal, vi isso pessoalmente. Ocorreu numa congregação das ADs, na periferia de Parelheiros. Uma senhora negra, visivelmente semiletrada, leu o texto bíblico pausadamente, juntando as sílabas e as pronunciando com dificuldade, e depois da leitura deu um testemunho efusivo. E a plateia confirmou com “aleluias” e “glórias”, palavras de ordem equivalentes a aplausos. Um evento de absoluta celebração da dignidade daquela mulher, que em qualquer outro espaço seria uma “não pessoa”, mas nessa igreja ela tem voz e vez. É gente. Com nome e história.

No entanto, é uma igreja liderada por homens misóginos, onde a questão do racismo e da opressão feminina nem mesmo é abordada. O tema é esquecido propositalmente, assim não existe racismo nem discriminação de gênero, exatamente porque não é visto. Comentado. Enfrentado. Ironicamente, negros e mulheres podem, sim, pregar nesses espaços, mas não podem falar sobre o tema, até porque esse problema “não existe”, da mesma forma como não existiu no registro bíblico. Na Azusa não há dúvida que essa foi uma marca preponderante nos primeiros anos, mas ao longo do tempo o tema foi esquecido, já que se *politizou* e foi protagonizado em outros espaços. Parodiando Florestan Fernandes, na sua famosa frase sobre o Brasil, diria que nos tempos bíblicos e em nossa atualidade “não existe discriminação de raças/gêneros/classes, porque os negros/mulheres/pobres sabem o seu lugar”.

Afinal, a religião, ou mais especificamente o pentecostalismo como modelo de coesão, harmonização social e produção moral homogênea funciona como elemento problematizador das relações sociais? A religião seria, então, mais “cimento social” ou “solvente social”? Impossível não lembrar do polêmico texto do Pierucci (2004): “a religião como solvente”.

Quase chavão metodológico, ele foi muito repetido ao longo dos anos de pesquisa sobre os movimentos pentecostais: igrejas conservadoras, moralistas, uma resposta pragmática à anomia social. Sim, mas esses movimentos também podem ser, ironicamente, algo inverso, pois afinal são “protestantes”. Tillich,

com seu conceito de “princípio protestante”, reza que essas comunidades se reinventam. Alteram-se¹².

Somente computando as da cidade de São Paulo, localizamos diversos modelos de igrejas pentecostais. *Bola de Neve Church*, por exemplo, se apresenta iconoclasta com uma prancha de surf no púlpito, oferecendo uma suposta permissão aos jovens para “fazer a corte”; moderna contudo apenas na estética, mas em termos moralista está mais atualizada com o século XIX. Já a *Igreja Cidade de Refúgio*, uma igreja homoafetiva liderada por um casal de lésbicas, é contra o sexo antes do casamento. A *Comunidade Carisma* nasceu dentro do período histórico do nascimento do neopentecostalismo, mas é uma igreja ecumênica. Há inúmeros outros grupos pentecostais que parecem impossíveis de ser definidos no padrões conhecidos, até por que os termos pentecostal ou neopentecostal não dão conta de explicar a complexidade do fenômeno. A IURD abraça uma clara posição de defesa dos direitos femininos, inclusive da descriminalização do aborto¹³. Igrejas que “congregam indivíduos que ela própria ‘des(a)grega’ de outras greis, por sucessão ou abdução” (Pierucci, 2004:122).

Existem igrejas envolvidas com a questão da luta contra o racismo, dos moradores de rua, de crianças abusadas sexualmente, com presidiários, com atendimento de profissionais do sexo, etc., mas os dois mais ferrenhos inimigos dos direitos dos gays e das políticas para mulheres são, respectivamente, um pastor e um deputado, ambos assembleianos. Ou seja, dentro do universo pentecostal há grupos absolutamente envolvidos nas lutas sociais – contra e a favor. Ademais, se essas igrejas sempre foram caracterizadas por seu forte moralismo e ética rigorosa, percebe-se que atualmente temos igrejas nas quais seus membros são, concomitantemente, membros da igreja e do crime organizado (Marques, 2016; Medrado, 2016).

Por causa da ascensão social dos pentecostais¹⁴ e o aburguesamento de sua elite, está acontecendo cada vez mais um hiato entre igrejas periféricas,

12 Na atualidade existem os mais diversos tipos de igrejas: igrejas batistas com presbitérios e igrejas presbiterianas sem presbitério, lideradas pela comunidade.

13 O *Jornal Folha Universal* (ano 21, no. 1.115, de 18 a 24 de agosto de 2013) estampou em página inteira uma reportagem sobre o tema: “Nova Lei para velhos direitos ignorados”. Com a seguinte submanchete, que era a síntese da reportagem: “Apesar das pressões dos religiosos e alas conversadores, a presidenta sanciona lei que combate a violência sexual e garante assistência ampla às vítimas”. E mais um negrito em destaque: “Lei significa a derrota de entidade religiosas conservadoras contra o aborto”.

14 Principalmente na década passada houve uma considerável ascensão social nas baixas classes, quando a classe média brasileira ultrapassou a barreira dos 100 milhões de pessoas e mais de 26 milhões de pessoas saíram do estado de pobreza. *Revista Isto é Dinheiro/IPEA*, 06.11.2009. A relação pentecostalismo e ascensão social já era vista, mesmo com reservas, já muito há tempos por Rolim (1980).

pobres e pequenas, e igrejas centrais grandes e ricas, além de um abismo maior ainda entre a membresia pobre e a elite rica dirigente – muitos presentes na lista dos milionários da Revista Forbes¹⁵. Essa camada elitizada fica cada vez mais marcada pelo que Bourdieu (1999:87-95) identifica como “demanda de legitimidade” típica das classes privilegiadas em contradição com a “demanda de compensação” das classes desfavorecidas.

Considerações finais

Mulheres e homens, pobres e ricos, negros e brancos em igualdade? (Não sei se foi percebida, mas a sequência esperada dos termos foi invertida desde o início deste artigo, propositalmente). Como nunca aconteceu plenamente, nossa contemporaneidade pode, sem nenhuma culpa (será?), postergar. Se nossos antepassados numa realizaram isso, por que haveríamos de ser nós os responsáveis? E se as mulheres, os pobres e os negros sempre viveram em desvantagem, eles já se acostumaram e não sentem necessidade de outra realidade...

A questão é que o mundo de Atos dos Apóstolos, da Reforma Radical e da Azusa Street, nos séculos I, XVI e XX, respectivamente, deram suas respostas em suas épocas. Questionáveis e não satisfatórias, mas deram. Dentro de seus limites e impedimentos, os problemas foram enfrentados e “resolvidos”. Fácil pedir igualdade de gênero aos apóstolos, homens em um mundo onde isso simplesmente inexistia; fácil criticar a radicalidade dos anabatistas quando viviam sob a opressão de uma nobreza aliada à Igreja Estatal; fácil relativizar a igualdade racial da Azusa quando homens eram chacinados simplesmente por estarem juntos. E nós, no século XXI? Agora não podemos usar as justificativas que os inimigos dos movimentos igualitários tiveram em suas épocas. Os tempos são outros (ou deveriam ser). E as respostas também.

Não temos mais a exclusão feminina aceita como nos tempos bíblicos, a *naturalização* da desigualdade como nos tempos da nobreza ou controle racista do apartheid. Em nosso tempo presente, está legitimado nas Constituições e na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* que todos são iguais. Aliás, todas e todos. Portanto, nossa geração é muito mais devedora aos pobres, migrantes, negros e mulheres.

Talvez seja necessário acontecer um novo pentecoste, agora no início do século XXI, para que assim “vossos filhos e vossas filhas” implementem, de fato, um pentecostalismo que supere as discriminações de raça, classe e gênero. A busca do horizonte utópico precisa ser renovada. Sempre.

15 <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/riqueza-de-pastores-no-brasil-chama-a-atencao-da-forbes> acesso 12.06.2016

Bibliografia

- ABUMMANSSUR, Edin Sued. *Os pentecostais e a modernidade*. In: PASSOS, J. D. (org.) *Movimentos do Espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005. – (Coleção Ecclesia 21)
- ALENCAR, Gedeon – *Igreja Católica e Assembleias de Deus: o diálogo ecumênico seria uma relação do pescoço com a guilhotina?* IN OLIVEIRA, 2015.
- ALENCAR, Gedeon. *A dupla “função social” do Pastor Silas Malafaia*. <http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=1034>, 2013b.
- ALENCAR, Gedeon. *Matriz Pentecostal Brasileira. Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos Editora, 2013a.
- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim. Hipóteses sobre a (não) contribuição protestante à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ALMEIDA, Ronaldo de. *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade*. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BAPTISTA, Saulo. *Pentecostais e Neopentecostais na Política Brasileira. Um estudo sobre a cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2009.
- BEGER, Peter. *O dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOFF, Leonard. *Igreja carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CAMPOS M, BERNARDO L. *Na força do Espírito: Pentecostalismo, Teologia e Ética Social*. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F & Campos, Leonildo Silveira (editores). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Aipral/Ed. Pendão Real, 1997.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *De políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil*. In: BURITY, Joanildo & CAMPOS MACHADO, Maria das Dores (org.). *Os Votos de Deus. Evangélicos, Política e Eleições no Brasil*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Editora Massangana, 2013.
- CESAR, Waldo & Shaull, Richard. *Pentecostais e o futuro das religiões cristãs*, Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHIQUETE, Daniel & ORELLANA, Luis (edit.). *Voces Del Pentecostalismo Latinoamericano IV. Identidad, teología, historia* Haupén, Chile, RELEP-2011.
- CORREA, Marina A. O. S. *Assembleia de Deus. Ministério, carisma e o exercício do poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

- CORTEN, André. *O Espírito Santo e os pobres*. São Paulo: Vozes, 1995.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- ENGELS, Friedrich. *A guerra dos camponeses alemães*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Tempo Brasileiro, 1973
- FAJARDO, Maxwell. *Pentecostais, Migração e Redes Religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro de Perus*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, UMESP, 2011.
- FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- FERNANDES, Rubem César (Org.). *Novo nascimento – os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Maud/ISER, 1998.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil. Da constituinte ao impeachment*. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- FRESTON, Paul. *Religião e Política, sim. Igreja e Estado, não. Os evangélicos e a participação política*. Viçosa: Ultimato, 2006.
- HAHN, Carl J. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HILL, Christopher *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640*. Tradução, apresentação e notas: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987
- HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do Século XVII*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- HOLLENWEGER, W. *El pentecostalismo – historia y doctrinas*. Buenos Aires: La Aurora 1976.
- LIBANIO, J.B. – *A volta à grande disciplina*, São Paulo, Loyola, 1983.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: ANPOCS, Editores Associados, 1996.
- MARCENEIRO, Marcial – *Na unidade do Espírito Santo: observações sobre o diálogo internacional católico-pentecostal*, IN OLIVEIRA, 2015
- MARQUES, Vagner (2015) – *Fé e Crime. Evangélicos e PCC nas periferias de São Paulo*, São Paulo, Fonte Editorial.
- MEDRADO, Lucas (2015) – *Cristianismo e Criminalidade. Adesão de bandidos ao universo cristão pentecostal*, São Paulo, Fonte Editorial
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa/ Filho, Prócoro VELASQUES. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.
- & CAMPOS MACHADO, Maria das Dores (org). *Os Votos de Deus. Evangélicos, Política e Eleições no Brasil*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Editora Massangana, 2013.
- NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores & cidadania*. Rio de Janeiro: ISER-Marco Zero, 1985.

- OLIVEIRA, David – *Pentecostalismo e Unidade*, São Paulo, Fonte Editorial/PLC/GCF, 2015.
- PAIVA, Angela Randolpho. *Católico, Protestante, Cidadão. Uma comparação entre o Brasil e os EUA*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, IUPERJ, 2003.
- PASSOS, João Décio (org.). *Os movimentos do Espírito. Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*, São Paulo: Paulinas, 2005.
- PASSOS, João Décio. *Teogonias Urbanas: o nascimento dos velhos deuses*. Tese de doutorado, PUC-SP, 2001.
- PIEDRA, Arturo. *Evangelização Protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960)*. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2006.
- Pierucci, Flávio. “Bye, bye, Brasil’: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000”. *Estudos Avançados*, no 52, vol. 18, set.-dez. 2004, pp. 17-28.
- RANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1995.
- REALY, Duncan. *A História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- ROBERCK, Cecil M – *The Past: Historical Roots of Racial Unity and Division in American Pentecostalism*, <http://www.pctii.org/cyberj/cyberj14/robeck.html> - maio de 2005. acesso 16.01.2016.
- TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TILLICH, Paul – *teologia da Cultura*, São Paulo Fonte Editorial, 2009.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: 4ª ed., Unb, 1998.